

# Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #20 (tomo 2) Jan. 2016

## A RECONSTITUIÇÃO ARQUEOLÓGICA

uma tradução visual



**Ludi Circenses  
e Aurigas Vencedores  
nos mosaicos hispânicos**

**Placas de Xisto Gravadas:  
o caso do Castelo de Pavia**



**CAA**

Centro de Arqueologia de Almada

**dois suportes...  
...duas revistas diferentes**

**o mesmo  
cuidado editorial**

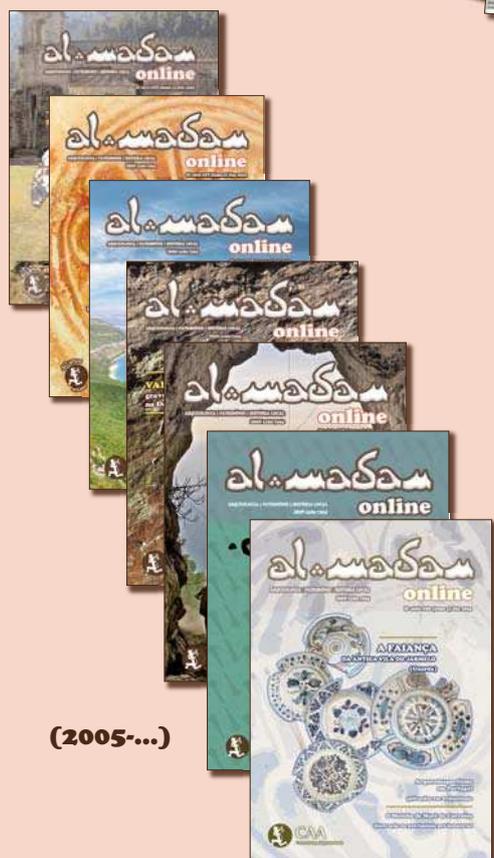
**al·madan**

**revista impressa**



**Iª Série  
(1982-1986)**

**IIª Série  
(1992-...)**



**(2005-...)**

**al·madan  
online**

**revista digital  
em formato pdf**

**[<http://www.almadan.publ.pt>]**

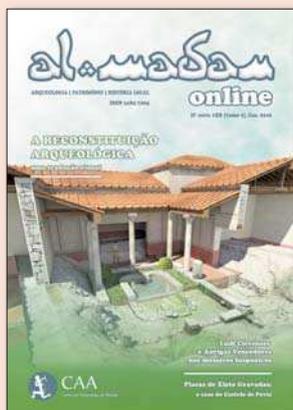
**[<http://issuu.com/almadan>]**



edições

**CAA**

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Luís Barros e Jorge Raposo

Composição gráfica sobre ilustração que reconstituiu visualmente a informação arqueológica disponível sobre a *Domus* de Santiago, em Braga.

Ilustração © César Figueiredo.



II Série, n.º 20, tomo 2, Janeiro 2016

#### Propriedade e Edição |

Centro de Arqueologia de Almada,  
Apartado 603 EC Pragal,  
2801-601 Almada Portugal

Tel. / Fax | 212 766 975

E-mail | [secretariado@caa.org.pt](mailto:secretariado@caa.org.pt)

Internet | [www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 2182-7265

Periodicidade | Semestral

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.<sup>a</sup>

Apoio | Neoépica, Ld.<sup>a</sup>

Director | Jorge Raposo  
([director.almadan@gmail.com](mailto:director.almadan@gmail.com))

Publicidade | Elisabete Gonçalves  
([publicidade.almadan@gmail.com](mailto:publicidade.almadan@gmail.com))

#### Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,  
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva  
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Vanessa Dias,  
Ana Luísa Duarte, Elisabete  
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),  
Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel  
dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem  
e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Graziela Duarte,  
Fernanda Lourenço e Sónia Tchissolle

#### Colaboram neste número |

Marco António Andrade, Luísa Batalha,  
Márcio Beatriz, Nuno Bicho, Jacinta  
Bugalhão, Maria Teresa Caetano,  
Guilherme Cardoso, João Cascalheira,  
Fernando Augusto Coimbra, José M.

Lopes Cordeiro, Cláudia Costa, Catarina  
Costeira, Ana Pinto da Cruz, Vanessa  
Dias, José d'Encarnação, Miguel Feio,  
César Figueiredo, Silvério Figueiredo,  
Rui Ribolhos Filipe, João José F. Gomes  
†, Célia Gonçalves, Susana Gómez  
Martinez, António Gonzalez, Marta  
Isabel C. Leitão, Marco Liberato,  
Virgílio Lopes, Olalla López-Costas,  
Andrea Martins, Rui Mataloto, João  
Marreiros, Lara Melo, Luís Campos

Paulo, Franklin Pereira, Telmo Pereira,  
Severino Rodrigues, João Maia Romão,  
Raquel Caçote Raposo, Sofia Soares,  
Maria João de Sousa e António Carlos  
Valera

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan*  
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.  
No entanto, a revista respeita a vontade dos  
autores, incluindo nas suas páginas tanto  
artigos que partilham a opção do editor  
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Depois de, no anterior Tomo, ter dedicado merecido espaço à ilustração científica, no caso aplicada ao registo e interpretação patrimonial de um dos mais antigos moinhos de maré do estuário do Tejo, a *Al-Madan Online* volta ao tema.

Agora, apresenta-se uma reflexão da sua aplicação à reconstituição de contextos e estruturas arqueológicas, traduzindo visualmente o estado do conhecimento que deles dispomos, numa mediação criativa entre a Ciência e os diferentes públicos. Entre os vários exemplos de aplicação, destaca-se a espectacular modelação 3D da Lisboa romana (*Olisipo*) que muitos já terão tido a felicidade de ver, nomeadamente na exibição do documentário sobre o fundeadouro recentemente descoberto no subsolo da frente ribeirinha desta cidade (filme realizado por Raul Losada, com uma contribuição muito importante deste projecto gráfico de César Figueiredo).

Outros estudos desenvolvem matérias relacionadas com o mesmo período histórico, ao tratar as então muito populares corridas de cavalos através da sua representação nos mosaicos tardo-romanos da Hispânia, ou as cerâmicas de verniz negro recolhidas nas mais recentes escavações arqueológicas do Teatro Romano de Lisboa, que atestam a integração da cidade nos sistemas de circulação de pessoas e de bens que já a ligavam à Península Itálica e ao mundo mediterrânico nos séculos II-I a.C. Mas, a propósito de um conjunto de placas de xisto gravadas provenientes do povoado calcolítico do Castelo de Pavia (Mora), há também uma reflexão sobre a presença, em contextos habitacionais, de materiais normalmente associados a práticas funerárias pré e proto-históricas. Outros autores abordam a produção de cerâmica vidrada em Alenquer, durante o século XVI, e integram essa actividade no plano mais geral da olaria coetânea na região do baixo Tejo. Por fim, a secção completa-se com a problemática da História militar medieval e da guerra de cerco, a propósito da conquista da cidade islâmica de Silves por D. Sancho I, em 1189, com o apoio de cruzados que se dirigiam à Terra Santa. Num plano patrimonial mais geral, dá-se a conhecer a oficina artesanal de Manuel Capa e dos seus filhos José e Carlos, em Tibães (Braga), especializada na reprodução das ferramentas usadas para trabalhar o couro, no domínio de artes ornamentais que remontam ao século XV. E não são esquecidos os vestígios da presença islâmica no nosso território, evidenciados por porta reconhecida na adaptação do antigo Convento de Nossa Senhora de Aracoeli a pousada, em Alcácer do Sal, nem o primeiro templo cristão construído em Albufeira, no século XIII ou em data anterior, destruído pelo terramoto de 1755 e agora realocado por intervenção arqueológica que também recorreu a técnicas de Arqueologia da Arquitectura. Notícias diversificadas dão conta de trabalhos e projectos recentes de natureza muito diversificada e, a terminar, reúne-se um amplo conjunto de comentários e balanços a eventos científicos e patrimoniais de âmbito nacional e internacional, consolidando a *Al-Madan Online* como veículo privilegiado para a rápida mediação e promoção do diálogo interdisciplinar e da Cultura científica. Como sempre, votos de boa leitura!...

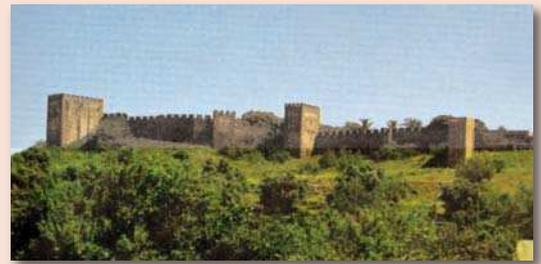
Jorge Raposo

EDITORIAL ...3 ▶

ESTUDOS



A Reconstituição  
Arqueológica: uma  
tradução visual |  
César Figueiredo...6 ▶



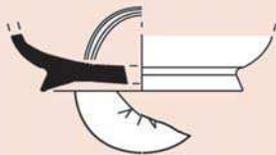
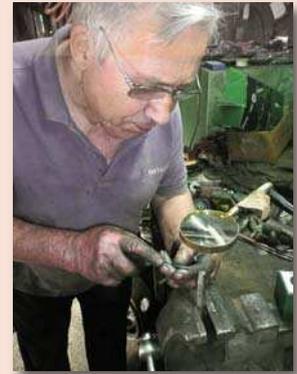
Guerra de Cerco (Silves) |  
Lara Melo...64 ▶

*Ludi Circenses*  
e Aurigas Vencedores nos  
Mosaicos Hispânicos |  
Maria Teresa Caetano...14 ▶



PATRIMÓNIO

Nos Bastidores de um  
Ofício: as ferramentas  
para trabalhar o couro da  
oficina de Manuel Capa  
(Tibães, Braga) |  
Franklin Pereira...73 ▶



A Cerâmica Campaniense  
do Teatro Romano de Lisboa |  
Vanessa Dias...34 ▶



A Porta Muçulmana da  
Alcáçova de Alcácer do Sal |  
Marta Isabel Caetano  
Leitão...80 ▶

Placas de Xisto Gravadas em  
Contexto de Povoado: o caso  
do Castelo de Pavia (Mora) |  
Marco António Andrade,  
Catarina Costeira e Rui  
Mataloto...43 ▶



A Igreja de Santa  
Maria de Albufeira |  
Luís Campos Paulo...86 ▶



Produção Oleira Renascentista na Bacia  
Hidrográfica do Baixo Tejo: a produção de cerâmicas  
vidradas em Alenquer, durante o século XVI |  
Guilherme Cardoso, João José Fernandes Gomes †,  
Severino Rodrigues e Luísa Batalha...54 ▶



## NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

ICArEHB - Centro Interdisciplinar de Arqueologia e Evolução do Comportamento Humano: um novo polo de investigação arqueológica | Cláudia Costa, Célia Gonçalves, João Cascalheira, João Marreiros, Telmo Pereira, Susana Carvalho, António Valera e Nuno Bicho...98 ▶



Balas, Botões e Fivelas: intervenção arqueológica no Campo de batalha do Vimeiro | Rui Ribolhos Filipe...101 ▶

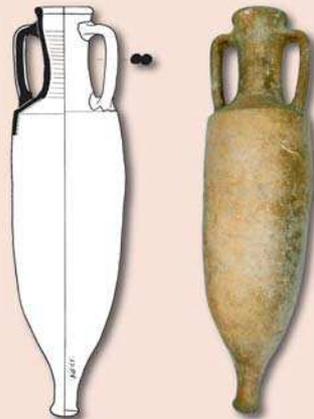


Pelourinho de Vila Verde dos Francos (Alenquer): formatos antigos, novos usos - um caso de reaproveitamento | Raquel Caçote Raposo...106 ▶



Vestígios da Presença Templária no Castelo dos Mouros: uma laje epigrafada com a Cruz de Cristo | António Gonzalez, Márcio Beatriz, João Maia Romão e Maria João de Sousa...108 ▶

Ânfora Romana Dressel 2-4 Recolhida ao Largo do Cabo Espichel | Guilherme Cardoso e Severino Rodrigues...110 ▶



## EVENTOS

Lusitânia Romana, Origem de Dois Povos: tema de congresso internacional | José d'Encarnação...111 ▶

INCUNA 2015: XVII Jornadas Internacionais de Património Industrial | José Manuel Lopes Cordeiro...114 ▶

Workshop Paleodiet meets Paleopathology: using skeletal biochemistry to link ancient health, food and mobility | Olalla López-Costas...117 ▶

I Congresso Internacional As Aves na História Natural, na Pré-História e na História: um balanço final | Silvério Figueiredo, Fernando Augusto Coimbra e Miguel Feio...119 ▶

XIX International Rock Art Conference | Andrea Martins...120 ▶

Simpósio de Materiais Líticos em Barcelona | Sofia Soares...122 ▶

XIII Congresso da Association Internationale pour l'Étude de la Mosaique Antique | Virgílio Lopes...123 ▶

XI Congresso Internacional sobre a Cerâmica Medieval no Mediterrâneo | Susana Gómez Martinez e Marco Liberato...124 ▶

Arqueologia em Lisboa: mesa-redonda e encontro | Jacinta Bugalhão...125 ▶

2ª Mesa-Redonda Peninsular Tráfego de Objectos | Ana Pinto da Cruz...127 ▶

II Fórum sobre Património Natural, Etnográfico e Arqueológico | Ana Pinto da Cruz...128 ▶

Colóquio PRAXIS IV | Ana Pinto da Cruz...128 ▶

Simpósio Fusis Φυσις: o ser humano e os mistérios da Vida, da Morte e do Céu | Ana Pinto da Cruz...129 ▶

Colóquio Internacional Enclosing Worlds | António Carlos Valera...130

Lisboa 1415 Ceuta: história de duas cidades | Jacinta Bugalhão...132 ▶

## RESUMO

A guerra de cerco no contexto da História militar medieval, tendo por exemplo o cerco e a tomada da cidade islâmica de Silves, em 1189, pelas forças cristãs de D. Sancho I. O rei português soube aproveitar o fluxo militar que então se dirigia à Terra Santa, em resposta ao apelo do papa Gregório VIII para a III Cruzada. Utilizou esse reforço para alargar o seu domínio ao território de influência de uma cidade pujante, teoricamente inexpugnável do ponto de vista militar, centro cultural reputado e respeitado no mundo islâmico da época.

PALAVRAS CHAVE: Idade Média (islâmico); Guerra; *Xelb* (Silves).

## ABSTRACT

Siege war within the context of medieval military history, using as example the siege and conquest of the Islamic town of Silves by the Christian armies of King D. Sancho I, in 1189.

Taking advantage of the military influx into the Holy Land as Pope Gregory VIII called for the Crusade III, the Portuguese king used these reinforcements to spread his domain into the territory of this thriving town, which was a prestigious and respected cultural centre within the Islamic world of the time and was considered virtually impregnable from a military point of view.

KEY WORDS: Middle ages (Islamic); War; *Xelb* (Silves).

## RÉSUMÉ

La guerre de siège dans le contexte de l'Histoire militaire médiévale, avec comme exemple le siège et la prise de la ville islamique de Silves, en 1189, par les forces chrétiennes de D. Sancho 1er.

Le roi portugais a su profiter du flux militaire qui alors se dirigeait en Terre Sainte, en réponse à l'appel à la IIIème Croisade du pape Grégoire VIII. Il a utilisé ce renfort pour étendre sa domination sur le territoire d'influence d'une ville puissante, théoriquement inexpugnable du point de vue militaire, centre culturel réputé et respecté dans le monde islamique de l'époque.

MOTS CLÉS: Moyen Âge (islamique); Guerre; *Xelb* (Silves).

# Guerra de Cerco (Silves)

Lara Melo <sup>1</sup>

*Éramos os leopardos e os leões.  
Os que tomarão o nosso lugar  
serão pequenos chacais e bienas.*

Giuseppe Tomasi di Lampedusa, *O Leopardo*

## BREVE INTRODUÇÃO

A Guerra. Implica uma consciência de interesses de Estado, de como protegê-los, alcançá-los, conquistá-los; implica um cálculo racional sobre os mesmos. A guerra precede em muitos milénios o Estado, a diplomacia, a estratégia. É quase tão antiga como o Homem, “penetra nos lugares mais secretos do coração humano, lugares onde o Eu dissolve os propósitos racionais, onde o orgulho reina, onde a emoção predomina, onde o instinto é rei” (KEEGAN, 2009: 21).

No âmbito do seminário “História Militar Medieval”, leccionado pelo Prof. Pedro Gomes Barbosa, no Mestrado em História, especialidade em História Militar, propus-me a trabalhar a guerra de cerco. Será, adiante, tratado o tema do ponto de vista de Silves, como paradigma da guerra de cerco, em 1189.

Antes de nos debruçarmos sobre o tema em concreto, propomos uma breve reflexão sobre guerra, sobre o Homem enquanto animal predador.

A sedentarização, ou seja, a organização social de um espaço, pressupõe a construção da muralha para defesa dessa mesma organização e dos bens por ela guardados. Esta é a muralha viva, que limita quem entra e quem sai, cobra essa entrada, incentiva à produção, à identificação de quem lá está dentro com o espaço como seu. A imposição desse limite, físico, remete-nos para a guerra como elemento fulcral à construção cultural, a guerra como elemento desejável ao fomentar economia. A muralha é o primeiro contacto com quem chega, com quem vem para atacar, ela defende-se. O segundo contacto é o montar o cerco, cortar linhas de abastecimento, manter a infantaria estática enquanto a cavalaria promove uma patrulha constante e a procura de outras fontes de abastecimento.

Há guerra quando há cidade; o comportamento da própria cidade enquanto sistema orgânico, enquanto sistema organizado para a guerra, militarmente preparado para a sua defesa. A definição da cidade enquanto terra, enquanto território, parte do pressuposto militar, território enquanto nosso e passível de defesa face a quem vem de fora. Outro

<sup>1</sup> Mestranda de História Militar pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ([lara.felixmelo@gmail.com](mailto:lara.felixmelo@gmail.com)).

O texto reproduz relatório desenvolvido no âmbito do respectivo Seminário, dedicado a “História Militar Medieval”.

Por opção da autora, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

aspecto desta breve reflexão é olhar a estética da cidade, também ela militar, a cidade amuralhada, é de onde parte o resto da cidade.

A guerra também enquanto elemento de coesão social; as diferenciações hierárquicas dentro da cidade, são também elas militares. A produção, agora especializada, do armamento, a cidade enquanto produtora de bens essenciais a quem a protege; aparecimento da especialização, aquele que transforma a matéria.

Diz John Keegan, professor e historiador britânico, que uma fortaleza não é somente um local de segurança face a um ataque, como é também de defesa activa. É um centro onde os defensores se organizam e uma base a partir da qual podem fazer surtidas para travar o avanço adversário, para impor controlo militar sobre a área onde têm o seu próprio interesse (KEEGAN, 2009: 191).

Assim, vemos a cidade enquanto elemento activo e passivo, a muralha como elemento organizador do espaço dentro e fora, localização estratégica em zonas aquíferas e elevadas. A guerra enquanto elemento protector deste espaço agora organizado e nosso.

Não sendo a única mas talvez a que mais exemplos retiramos para este relatório, a crónica *Narratio De Itinere Navali Peregrinorum Hierosolymam Tendentium Et Silviam Capeientium, A. D. 1189*<sup>1</sup>, um manuscrito em latim da biblioteca da

Academia das Ciências de Turim, é um texto do lado cristão que nos descreve pormenorizadamente toda a conquista de Silves, bem como o itinerário seguido pelos cruzados desde o Mar do Norte às

costas do Mediterrâneo. O autor deverá ser de origem alemã, visto que os pontos de referência que utiliza na descrição dos acontecimentos são sempre teutónicos. O texto avança a par com a expedição, resultando num relato cronologicamente cuidadoso, quase como se de um diário se tratasse. Relembrando outros textos da época, nomeadamente, do lado muçulmano, Idrisi, o cruzado também acrescenta pormenores de interesse relativos a aspectos geográficos e naturais.

Desta crónica tiramos a imagem de quem faz este cerco, muçulmanos e cristãos, portugueses e cruzados. São marcados de forma bem distinta enquanto grupo e individuo. O cronista vai deixando clara ao longo do texto a sua concepção da conquista, justifica com fundamentos teóricos e legitima a necessidade do acto de fazer a guerra ao inimigo de Cristo.

## SILVES E O CERCO

Julho de 1189. Na cidade de Lisboa, Sancho I discute com conselheiros e com os cruzados ingleses, alemães e flamengos, a possibilidade de um ataque directo sobre Silves, no coração do domínio muçulmano no Algarve, certo que a vontade da cúria régia seria efectuar

uma campanha pelo interior ou lançar um ataque mais próximo de Sevilha. Passar as serras em direcção a Silves, uma fortaleza grandiosa, parecia temerário a alguns chefes portugueses.

A hesitação dos conselheiros traduz as dificuldades que as serras algarvias, distantes das zonas mais populosas do reino, impunham a uma invasão vinda do Norte. D. Sancho não ignorava que, uma vez passada a serra, os esperava um território hostil.

O Algarve, termo que mouros e cristãos utilizavam para designar as terras compreendidas entre o golfo de Cádiz e a cintura montanhosa que unia o Atlântico a Andévalo (na actual Andaluzia), estava dominado por cidades fortificadas, comandadas por uma elite totalmente islamizada. O maior símbolo desta islamização na província era a cidade de Silves, onde cortes muçulmanas da Península e de Marrocos recrutavam burocratas, pensadores, administradores e poetas.

Qualquer acção contra o Algarve seria difícil sem um adequado apoio marítimo. As principais cidades tinham frotas próprias e Silves e Faro tinham mesmo estaleiros. A armada almôada, concentrada ora em Ceuta, ora em Sevilha, podia acorrer em poucos dias ao Algarve. A verdade é que ocupar o Algarve colocava problemas novos.

A ocupação militar do Alentejo fora obtida por guerra de desgaste, de tal forma que as terras conservadas pelos muçulmanos constituíam uma fronteira densamente militarizada mas com uma população em declínio. Vejamos a dificuldade em povoar Beja, o abandono de Elvas, a ausência de ocupação de praças como Santiago do Cacém ou Aljustrel, tornam pouco provável que as povoações entre Alcácer do Sal, a serra algarvia e o Guadiana tenham caído sem resistência ou tenham sido abandonadas pelas autoridades e mesmo pela população islâmica. O domínio do Algarve, a zona mais densamente povoada e urbanizada de todo o Gharb (TORRES, 1992), exigia outros recursos.

Para melhor compreender as justificadas objecções dos freires santiaquistas e cepticismo da cúria régia de D. Sancho I é necessário compreender melhor as condições e as formas da arte da guerra na Reconquista.

Na segunda metade do século XI, o confronto entre mouros e cristãos na Península Ibérica alterou-se. Após o domínio do vale do Douro e a conquista de Toledo, em 1085, no centro da península, as sucessivas gerações de dirigentes cristãos assumiram para si o projecto de ocupar o território agora muçulmano, povoá-lo de cristãos e substituir as mesquitas por igrejas.

A arte da fortificação influenciou de forma decisiva os confrontos durante os séculos XII e XIII. Para atingir o objectivo da estratégia cristã, tomar o espaço dominado pelos muçulmanos, era indispensável o domínio das redes de fortificação, desde a pequena atalaia (*bury*) à *medina* (cidade muralhada) provida de alcáçova (*qásaba*), passando pelo castelo, centro de um território militar (*hísn*). Podemos afirmar que quase toda a actividade bélica, nesta altura, estava relacionada directa ou indirectamente com a apropriação de fortalezas. No entanto, não devemos reduzir o castelo à sua função de abrigo ou bastião.

<sup>1</sup> Referimo-nos à obra *RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL...*, traduzida e anotada por João Baptista da Silva Lopes, em 1844 (ver FONTES IMPRESSAS).

Muitas fortificações eram construídas ou ocupadas com um propósito ofensivo, o caso de Leiria, ponto forte construído em 1135. Por vezes, a captura de um castelo tinha como finalidade criar uma base de operações contra uma outra povoação fortificada. Vemos isso quando Geraldo Geraldês ocupa Juromenha, em 1170, com o objectivo de emboscar os comboios de abastecimentos à guarnição de Badajoz, preparando-se para a conquista da cidade.

O domínio de pontos estratégicos fortificados garantia a iniciativa militar. A partir destas fortalezas eram desempenhadas as funções administrativas, fiscal e judicial, sem as quais seria impossível estabelecer qualquer autoridade sobre o próprio espaço. De facto, numa região de fronteira só a construção de um castelo permitia o exercício efectivo do poder. Este domínio efectivo implicava o controlo de grandes cidades, sempre amuralhadas, providas de uma alcáçova e rodeadas por uma rede de castelos. Isto explica porque a conquista de Silves, em 1189, trouxe consigo a rendição de uma dezena de castelos no seu termo. A cidade fortificada assegurava a exploração do território envolvente e uma base de operações ofensivas segura, e a sua captura constituía o objectivo principal de qualquer estratégia de exploração e expansão no termo (Fig. 1).

Ninguém devia duvidar das intenções do novo califa, Yacub al-Mansur, nem em relação ao reino português, nem em relação ao Al-Andalus. Portugueses, leoneses, castelhanos e aragoneses, todos deviam saber que era apenas uma questão de tempo até que a ameaça almôada se renovasse em mais e maiores ataques que aquele que tinham testemunhado em Santarém, em 1184 (BRANCO, 2006: 118).

O espaço de manobra de que D. Sancho I pôde usufruir, sabendo que al-Mansur estava bloqueado por problemas internos, não foi desperdiçado. Quer os homens de D. Sancho I, quer os castelhanos, aproveitaram a fragilidade da situação do califa, na fronteira distante, para reiniciarem movimentações que pouco deveriam agradar a al-Mansur e aos seus súbditos andaluzes.

Sabendo bem qual o poderio bélico que Yacub al-Mansur podia dinamizar, era pouco sensato querer continuar numa via que arranjaría mais retaliações e dificuldades que conquista propriamente dita. O rei começou a pôr nas mãos das Ordens Militares, que na teoria deveriam estar melhor treinadas para a guerra do que os nobres singulares

e as milícias concelhias, o esforço da guerra e da ocupação do território, o que criou mal-estar entre os nobres não pertencentes a Ordens<sup>2</sup>.

No final de 1187, todo o Ocidente é tomado pela notícia da conquista de Jerusalém pelos muçulmanos. Esta notícia, de uma forma ou outra, acaba por beneficiar os intentos do monarca português. Surge uma nova febre cruzadística que se apossa dos mais importantes líderes da cristandade ocidental, mas também de um grande número de homens da média nobreza e das elites mercantis urbanas. O resultado é um frenesim de gentes que armava navios e partia para a Terra Santa, de forma desorganizada mas com a força do desejo de dizimar o inimigo. Nem esperavam pelos seus próprios reis para partir. Gregório VIII apregoa a Cruzada, a terceira desta feita, como forma de reagir à conquista da cidade santa.

O fluxo de navios que começara a cruzar as costas de Portugal em direcção à Terra Santa havia de recomeçar e de se renovar, proporcionando a D. Sancho I a oportunidade de utilizar este reforço de forças militares. E mais, seguiria o exemplo de seu pai na colaboração destes bem-vindos reforços para alargar e consolidar território.

Em Janeiro de 1188, na mesma altura que Fernando II de Leão falecia, Yacub al-Mansur escrevia aos seus súbditos na Andaluzia que tinha vencido a guerra com os almôadas de Maiorca. Ao mesmo tempo que as investidas portuguesas subiam de tom na fronteira com os almôadas, o Califa liberta-se para poder planificar o ataque àqueles cristãos que tinham afligido o seu pai em 1184. Ainda em 1188, o califa almôada renegoceia o pacto com os leoneses, na pessoa de Afonso IX. Neste contexto, mais tarde, já em Maio de 1189, surgia na baía do Tejo a primeira frota de cruzados a caminho de Jerusalém, deixando a D. Sancho I a hipótese de considerar de forma mais concreta a possibilidade de investir numa operação militar de maior envergadura.

A linha escolhida e traçada por Sancho I, embora fosse a do ataque às possessões almôadas a Sul, não parece ter considerado a possibilidade de conquista de qualquer dos portos litorais do Algarve que depois acabariam por ser tomados, muito menos o ataque a uma cidade tão pujante e teoricamente inexpugnável como Silves, um bastião fortifi-

cado de dimensões quase assustadoras e sede de um centro cultural reputado e respeitado no mundo islâmico (PICARD, 2000: 256-258).

<sup>2</sup> Nos primeiros dois anos de governo de D. Sancho I, os privilégios dirigiram-se sobretudo à Ordem de Santiago e à Ordem dos Cavaleiros de Évora (BRANCO, 2006: 119).

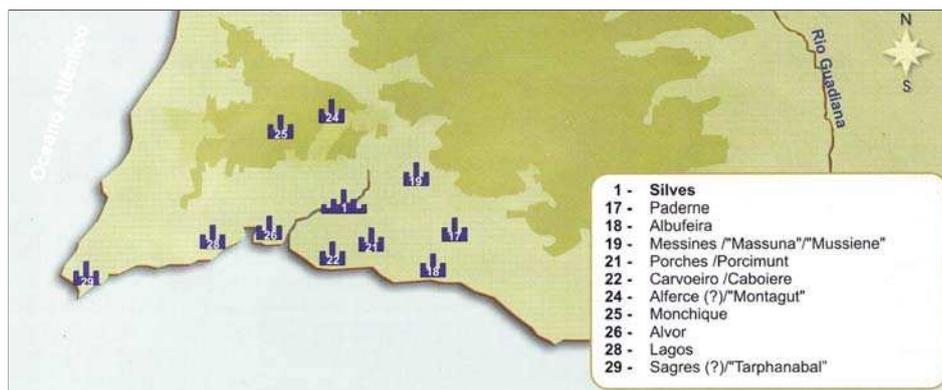


FIG. 1 – Domínio Português após a tomada de Silves, 1189-1191 (segundo HENRIQUES, 2003).

É discutível se a conquista de uma terra tão afastada do núcleo seria passível de ser sustentada a longo termo. Esta não era a linha de ofensiva tradicional, a de atacar cidades litorais em território muçulmano, preferindo sempre a surtida esporádica ou a pirataria à conquista formal e efectiva com intenções de fixação de populações.

Em Julho de 1189, quando um grupo de cruzados apoiados pelos marinheiros portugueses propôs a D. Sancho I um ataque a Silves, era então o Algarve, protegido pelas serras que cresciam a Sul das planícies alentejanas, um objectivo remoto. Tinham corrido apenas duas décadas desde que uma colaboração entre uma expedição berbere e a hoste régia de Fernando II de Leão provocara, em 1169, o desastre de Badajoz. Por consequência, os portugueses foram afastados dos castelos envolventes que tinham subjogado em anos anteriores, Cáceres, Santa Cruz ou Serpa. A ocupação desta região assegurou para o Califa o domínio do Guadiana, comprometendo a expansão portuguesa nas terras do Gharb al-Andalus. As praças de Serpa e Badajoz, de novo muçulmanas, foram dotadas de guarnições e chefes energéticos como o Sayyid Abu Sa'id Utman, em Serpa, e 'Ali Ibn 'Wazir, em Badajoz, a fim de exercer pressão sobre as fronteiras avançadas dos portugueses.

As terras costeiras entre a foz do Sado e a Serra Algarvia, mais despovoadas, assistem também a uma guerra de fronteira intensa. Sancho confia à Ordem de Santiago a poderosa fortaleza de Alcácer do Sal, assim como alguns castelos de rectaguarda, como Coima, Palmela e Almada, e rendas a Norte de Lisboa.

Silves estava afastada da fronteira, mas como importante base naval e centro administrativo, possuía uma guarnição de soldados regulares almôadas, como testemunha o relato do cruzado. No entanto, quando se fechou o cerco, a maioria dos defensores seriam andaluzes. Desde 1170 que os almôadas incorporavam no seu exército contingentes andaluzes, especialmente por causa da sua cavalaria. Além dos andaluzes soldados, entre os defensores da cidade estavam civis armados que guarneciam as muralhas do arrabalde e mesmo os cativos cristãos foram forçados a defender Silves. Não se sabe ao certo o número de almôadas disponíveis, mas as constantes sortidas mostram que nunca faltaram efectivos para a defesa dos muros, ape-

sar do longo perímetro muralhado ser superior a um quilómetro, sem contar com a muralha do arrabalde, e a parte da alcáçova vertente para a almedina, a couraça.

Se aplicarmos a razão de dois homens por metro de muralha, defendida pela Arqueologia experimental, a guarnição teria cerca de dois mil homens (HENRIQUES, 2003: 25). O cronista cruzado fala em quinze mil e oitocentos homens, quatrocentos e cinquenta dos quais eram cativos<sup>3</sup>. As informações dispersas levam-nos a deduzir que Silves estava prevenida para um ataque destes, especialmente porque dois meses antes da chegada dos cruzados a *Shilb* tinha-se dado o massacre do Alvor, cometido pelos cruzados dinamarqueses, o que tinha horrorizado a população da região<sup>4</sup>.

Ao desembarcarem, os cruzados deparam-se com um litoral deserto e uma cidade preparada para o cerco, provida de pedra, dardos e petrechos de guerra, bem como de alguns víveres. Outra marca almôada de que os cruzados tomaram logo conhecimento foi o elaborado sistema de fortificações que protegia a cidade. Isto traduz-se na edificação de numerosas torres circulares dispostas com pequenos intervalos entre si e providas de trabucos (Fig. 2).

Esta fortificação era concebida segundo o princípio da defesa activa (BARROCA, 1990), já acima referido na introdução, ou seja, as estruturas defensivas deviam privilegiar a capacidade de tiro e não somente a inacessibilidade.

<sup>3</sup> “Deve notar-se que quando chegámos a Silves, havia na cidade 450 captivos [...] Dos habitantes também quando se entregou a cidade só existião 15:800 de ambos os sexos [...] / [...] Quare notandum quod primo cum venimus, Silvia habebat quadringentos et quinquanginta captivos [...] De habitatoribus autem cum traderetur civitas erant promiscui sexus XV milia et octigenti” (RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL..., 1844: 36-37).

<sup>4</sup> “[...] tinham ali [em Lisboa] estado outras 55 náos do nosso império e de Flandres, as quaes de caminho, depois de saírem de Lisboa, acometêrão hum castelo, que pertencia ao senhorio de Silves, chamado Alvor e ouvimos dizer com verdade que matarão perto de 5600 pessoas não perdoando a sexo nem idade” (RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL..., 1844: 10).

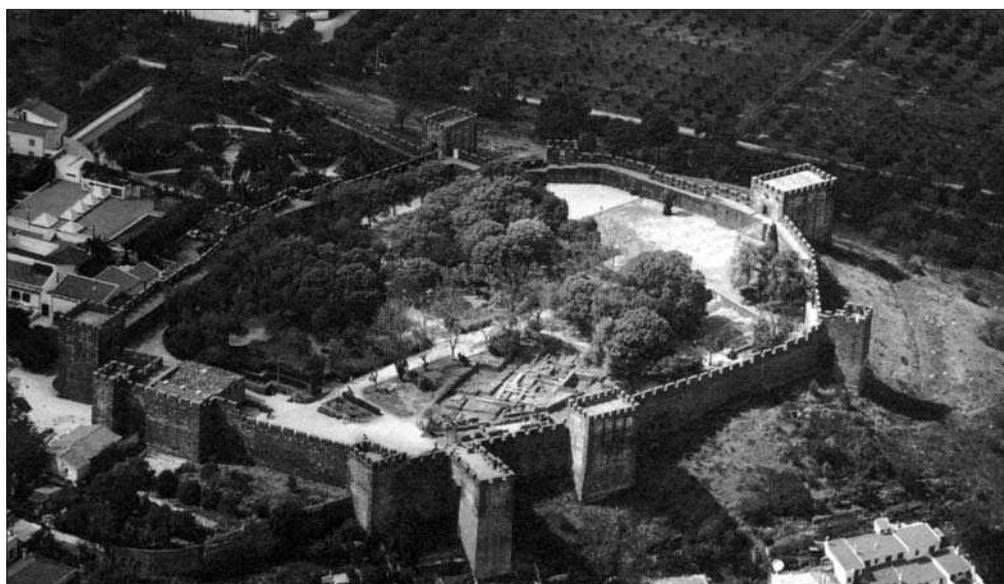


FIG. 2 – Vista aérea da Alcáçova de Silves (segundo HENRIQUES, 2003).

Os testemunhos que nos chegam do assédio à cidade fazem constantes referências às chuvas ou nuvens de pedras com que os sitiados atacavam os assaltantes<sup>5</sup> (Figs. 3 e 4). Neste modelo de defesa activa também está presente a chamada Porta da Traição, neste caso a Norte da alcáçova, que permite a saída de furtivas incursões, como mais à frente faremos menção.

Os engenheiros almôadas incluíram na cidade os elementos característicos da fortificação almôada, ou sejam, as torres albarrás, as portas em cotovelo e a couraça. Nas palavras do cruzado, sabemos “O estado de Silves, he al qual passo a descrever. Em grandeza não discrepa ella muito de Goslar [cidade no ducado de Brunswick] [...] he cingida de muros e fossos, de tal arte que nem huma só choupana se encontra fora dos muros, e dentro deles havia quadro ordens de fortificações, a primeira das quaes era como huma vasta cidade estendida pelo vale chamado Rovale. A maior estava no monte, e davão-lhe o nome de Almedina [...] sobre o canal ha quatro torres, de modo que por aqui se provesse sempre d’agua em abastança a cidade superior, e tem esta fortificação o nome de Coiasce [couraça]. As entradas pelas portas erão de tal arte angulosas e tortuosas, que mais facilmente serião escalados os muros do que entrar alguém por ellas. Abaixo da primeira era o castelo que se chamava Allcay” (RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL..., 1844: 16).

Passemos a explicar cada um destes elementos. A torre albarrá, que causou impacto entre os cruzados que a desconheciam, consistia numa torre quadrangular destacada da cerca mas unida por um passadiço ou por um troço de muralha. A posição adiantada em relação à muralha proporcionava a quem defendia mais ângulos de tiro, enquanto o facto de só comunicar com a cerca por uma estreita passagem, permitia que a torre continuasse a resistir mesmo que as mura-

FIGS. 5 E 6 – Em baixo, a Alcáçova e a muralha a Norte, em Silves (segundo HENRIQUES, 2003).

À direita, torre albarrá virada para o arrabalde (segundo HENRIQUES, 2003).



FIG. 3 – Projéctil de funda encontrado em Silves (Museu Arqueológico Municipal, Silves) (segundo HENRIQUES, 2003).



FIG. 4 – Flecha datada de 1189 encontrada no castelo de Silves (segundo HENRIQUES, 2003).

lhas fossem tomadas pelo inimigo. As portas em cotovelo dificultavam a entrada e a passagem de maquinaria como aríetes e semelhantes. Esta defesa era eficaz, já que o ponto mais fraco da muralha tendia a ser a porta. Como acima referido, podemos ler na crónica do cruzado que ficaram desiludidos com as portas, de tal forma tortuosas e angulosas que era mais fácil escalar os muros do que penetrar por elas. A couraça, onde foi travada a maior parte dos combates, consistia num corredor muralhado que saía de uma das portas da almedina para terminar numa torre que protegia um poço ou outro acesso a água potável (Figs. 5 e 6).



Os assaltantes tomaram logo contacto com uma primeira muralha que protegia o arrabalde, disposta numa linha paralela ao rio Arade, provida de torres para dificultar a aproximação de navios e com o acesso à cerca dificultado por um fosso coberto de água <sup>6</sup>. O último refúgio era constituído pela imponente alcáçova.

5 de Julho de 1189. Confirmado o objectivo da expedição, D. Sancho I envia para Silves os cavaleiros já disponíveis sob o comando do seu meio-irmão, Pedro Afonso,

Alferes-mor, tendo por objectivos o reconhecimento da fortaleza e saquear as culturas para reunir mantimentos para a hoste enquanto sitiava. As naus dos francos largaram de Lisboa poucos dias depois, dirigidas pelos navios portugueses. Acordou-se na cidade que os cruzados da frota deviam entrar em contacto com a coluna portuguesa que seguira por terra, de modo a que juntos tomassem as posições para o cerco. D. Sancho manteve-se na cidade, convocando mais membros das suas hostes e embarcando mais máquinas de guerra (Fig. 7).

A cavalaria do meio-irmão do rei chegou e assentou arraiais em frente do arrabalde, sem a preocupação de fechar cerco. Os cruzados chegaram à foz do Arade a 17 de Julho. Os portugueses, mesmo relutantes em atacar a fortaleza, propõem um ataque a Cartaia, ponto entre o Guadalquivir e o Guadiana. Recusando a proposta, as duas hostes avançam rio acima, precedidas pelas galés portuguesas e escoltadas por ambas as margens pelos homens de Pedro Afonso.

Três dias depois, os cruzados preparam-se para fazer descer os seus batéis e montar acampamento diante das muralhas do arrabalde, quando são surpreendidos pelos pelouros dos trabucos almôadas que facilmente atingem o acampamento. Logo de seguida, uma sortida de cavalaria tenta atrair os francos até junto da muralha para os crivar de pedras. Apesar destas manobras muçulmanas, o acampamento foi deslocado para mais perto das muralhas e ficou marcado um assalto geral para o dia seguinte, 21 Julho. Começara o cerco de *Shilb*.

‘Abi Hafs Ibn ‘Ali, governador (*hafiz*) de Silves, a quem os cruzados chamaram de Albainus, era um berbere e não um andaluz e este foi um factor para a falta de coesão entre os defensores. Ibn ‘Idári é o único autor que cita Ibn ‘Ali, reflectindo a opinião do círculo do califa, acusando-o de inexperiência e nenhuma preocupação em fechar as fronteiras, bem como de se deixar tomar pelo medo <sup>7</sup>. O governador de Silves, considerado perdido o ataque, não contra-ataca. Fecha as portas da almedina aos mouros em fuga e ordena a degolação dos que fugiram primeiro <sup>8</sup>. Apesar da tomada do arrabalde, os aliados depressa perceberam que, para além do saque, a conquista da cidade inferior não trazia benefícios tácticos. A porta da almedina estava de tal forma defendida por uma torre albarrá que os cristãos desistiram, preferindo acometer aos muros a Oeste e Sudeste da Medina.

<sup>6</sup> “[...] resolvemos dar assalto no outro dia pela manhã, e nos preparámos de escadas para escalar os muros. [...] chegámos aos muros armados de escadas passando os fossos sem embargo da profundidade da água” (RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL..., 1844: 18).



FIG. 7 – Linha de aproximação a Silves, por via marítima e terrestre, em Julho de 1189 (segundo HENRIQUES, 2003).

No dia de Santa Madalena, 22 de Julho, cobertos pelos seus arqueiros, os cristãos procuraram encostar as escadas junto da muralha, mas depressa se revelou que a eficácia dos arqueiros aliados era insuficiente para impedir os muçulmanos de alvejar os assaltantes, tornando impossível a situação de fixar escadas no fosso. Este fracasso diante da cerca da Medina, tirou as esperanças de uma tomada breve à cidade de Silves. No entanto, a chegada constante de portugueses aos arraiais dos sitiados ia fortalecendo a moral dos cruzados, permitindo desta forma o cerco completo da cidade. Perspectivava-se um terceiro assalto.

Nos dias seguintes, entre 26 e 28 de Julho, dá-se a construção de novas escadas e torres de assalto, bem como de um ouriço construído pelos alemães. Este ouriço consistia numa manta de traves revestida com couro e argamassa, que abrigava os assaltantes de tudo o que era arremessado do topo da muralha, permitindo aproximarem-se da mesma <sup>9</sup>.

A 29 desse mês chega D. Sancho I com uma considerável armada, víveres e engenhos <sup>10</sup>. A sua autori-

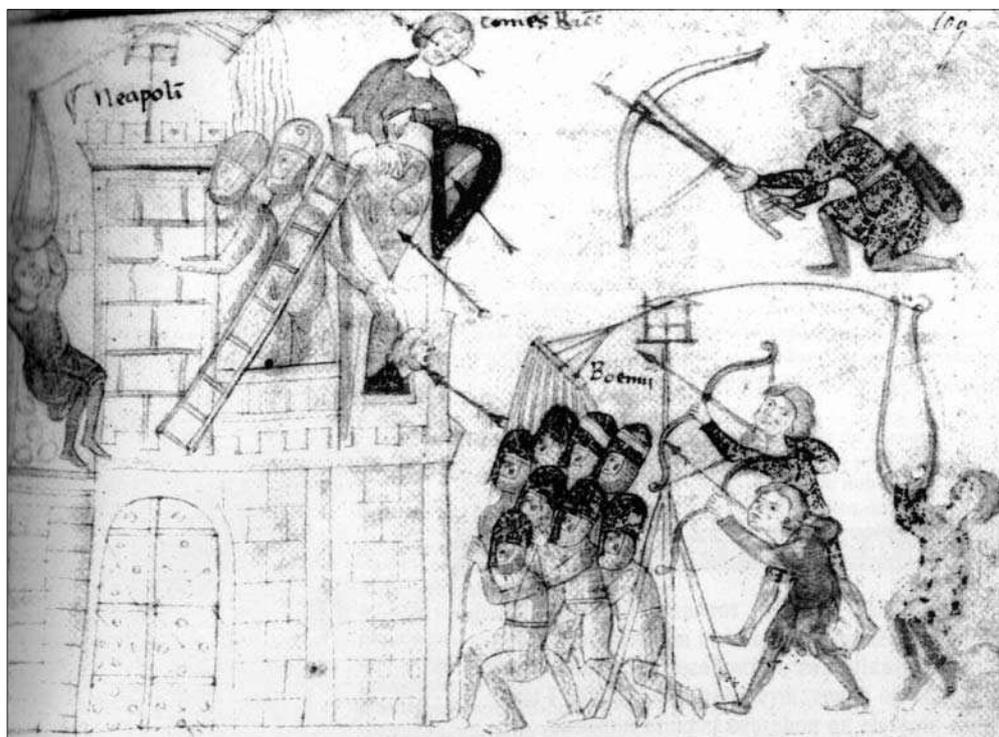
<sup>7</sup> “*Isa b. Abi Hafs b. Ali, que no habia adquirido experiencia ni se habia preocupado de cerrar las fronteras; se apoderó de él el pavor y lo envolvió el miedo y se metió en la masa de los que se rindieron y, que salvando sus vidas, salieron despojados [...]*” (IBN ‘IDÁRI..., 1953).

<sup>8</sup> “[...] muitos porém morrerão entalados nas portas em razão da demasiada pressa com que querião entrar, cujos corpos os seus lançarão dos muros abaixo, não lhes querendo dar sepultura [...] o seu Rei mandou cortar a cabeça aos que primeiro tinham fugido” (RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL..., 1844: 18).

<sup>9</sup> “*Esta maquina era formada de grandes vigas cobertas com pranchões novos das naos, e sobre estas camadas de terra, argamassa, e bitume*” (RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL..., 1844: 22).

<sup>10</sup> “*Na oitava de Santa Maria Magdalena [29 de Julho] chegou o Rei dos Portuguezes, ao qual seguia de vagar o seu exercito com o trem e provimentos*” (RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL..., 1844: 20).

FIG. 8 – Ilustração siciliana, cerca de 1180, que mostra o manejo do trabuco (Bibliothèque de la Burgeoisie, Berna) (segundo HENRIQUES, 2003).



dade era respeitada pelos cruzados, o que influenciou bastante o curso das operações. Trouxe consigo três trabucos. Com a chegada do soberano, fecha-se definitivamente o cerco e começam a concentrar-se os esforços na couraça. O quarto ataque cristão, desta feita na muralha Norte, junto do arraial português, começa com um tiro de um dos trabucos de Sancho, ao mesmo tempo que uma cortina de flechas de besteiros e arqueiros protegia os assaltantes. No entanto, o tiro dos trabucos montados nas torres da Medina mostrou-se novamente certo, danificando as máquinas dos cristãos.

No dia 6 de Agosto, todos os esforços se concentraram na couraça. O ouriço alemão era dirigido contra a mesma. Acaba por ser imobilizado pelas forças muçulmanas, que do interior atiram contra ele material inflamável. Os cruzados conseguem empurrar o ouriço em chamas contra o pano de muralha da couraça, a coberto de dois trabucos do rei que incidiram contra o muro repetidamente<sup>11</sup>. O derrube de uma pequena parte da fortificação dá-se no dia seguinte (Fig. 8).

<sup>11</sup> “[...] nós os Teutônios, logo de madrugada assestámos huma maquina, a que chamamos ouriço [quod ericum vocamos, no original], contra o muro da Couraça entre duas torres, com intento de lhe abrir brecha. [...] os Mouros logo acodirão lançando-lhe em cima muita estopa, azeite, e fogo, com que queimáráo a maquina, e tanto mais por ser ella de enorme pezo, e não se poder puxar facilmente para fóra” (RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL..., 1844: 22).

Pelos dias seguintes, um mouro abandona a Medina, apresenta a Sancho dois pendões almóadas que roubara e confirma aos cristãos a importância vital de capturar a couraça. O desertor diz que ao capturarem a couraça a cidade cairia, pois todo o abastecimento de água de Silves dependia do poço que a couraça protegia. Estas informações motivaram ainda mais os atacantes, que se concentraram nessa fortificação<sup>12</sup>.

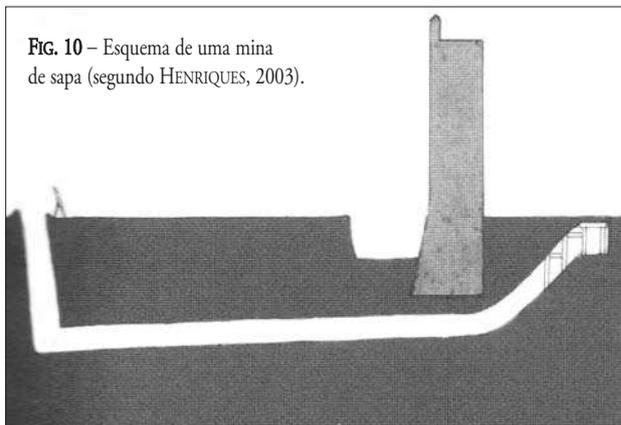
Durante essa tarde os assaltantes insistiram nas minas, elemento sempre presente em guerra de cerco, processo que consiste em escavar, por baixo das fundações das fortificações, uma galeria sólida e apoiada para depois ser lançado fogo. À partida, esta acção causaria o desabamento da mina e a aluição do solo que suportava o edifício referido (Figs. 9, 10 e 11).

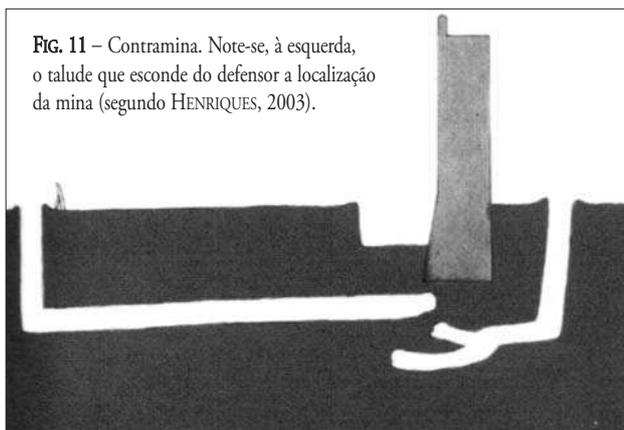
<sup>12</sup> “[...] hum cavalleiro Galego, que vinha por capitão em huma das nossas náos, se chegou mais para muro já em parte derrocado pela nossa maquina, e não obstante atirarem-lhe de cima os cercados, conseguiu arrancar do muro huma pedra angular [...] Estimulados os Cruzados com este atrevimento do companheiro derão-se a minar a torre” (RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL..., 1844: 24).

FIG. 9 – O tipo de mina que os cruzados pretendiam (segundo HENRIQUES, 2003).



FIG. 10 – Esquema de uma mina de sapa (segundo HENRIQUES, 2003).





**FIG. 11** – Contramina. Note-se, à esquerda, o talude que esconde do defensor a localização da mina (segundo HENRIQUES, 2003).

A couraça acaba por cair nas mãos dos cristãos no dia 11, bem como parte do muro ligado a ela.

No entanto, Ibn 'Ali não se deu por vencido. Redobram de intensidade as sortidas muçulmanas para infligir perdas do lado dos aliados, apesar dos tormentos que estavam a passar. Segundo o nosso cruzado, muitos padeciam com a falta de água que era agora escassa e salobra em demasia. Muitos dos sitiados entregavam-se unicamente para beber água.

14 de Agosto. Temendo o progresso das minas, cujas galerias se aproximavam perigosamente das muralhas, a cavalaria andaluza leva a cabo uma sortida pela Porta da Traição, na alcáçova, mas é rechaçada pelos cristãos.

Dá-se o quinto e derradeiro assalto cristão no dia 18. No arraial português os mantimentos escasseavam, fazendo espelho à falta de água dentro das muralhas, e a impaciência começava a reinar entre os assal-

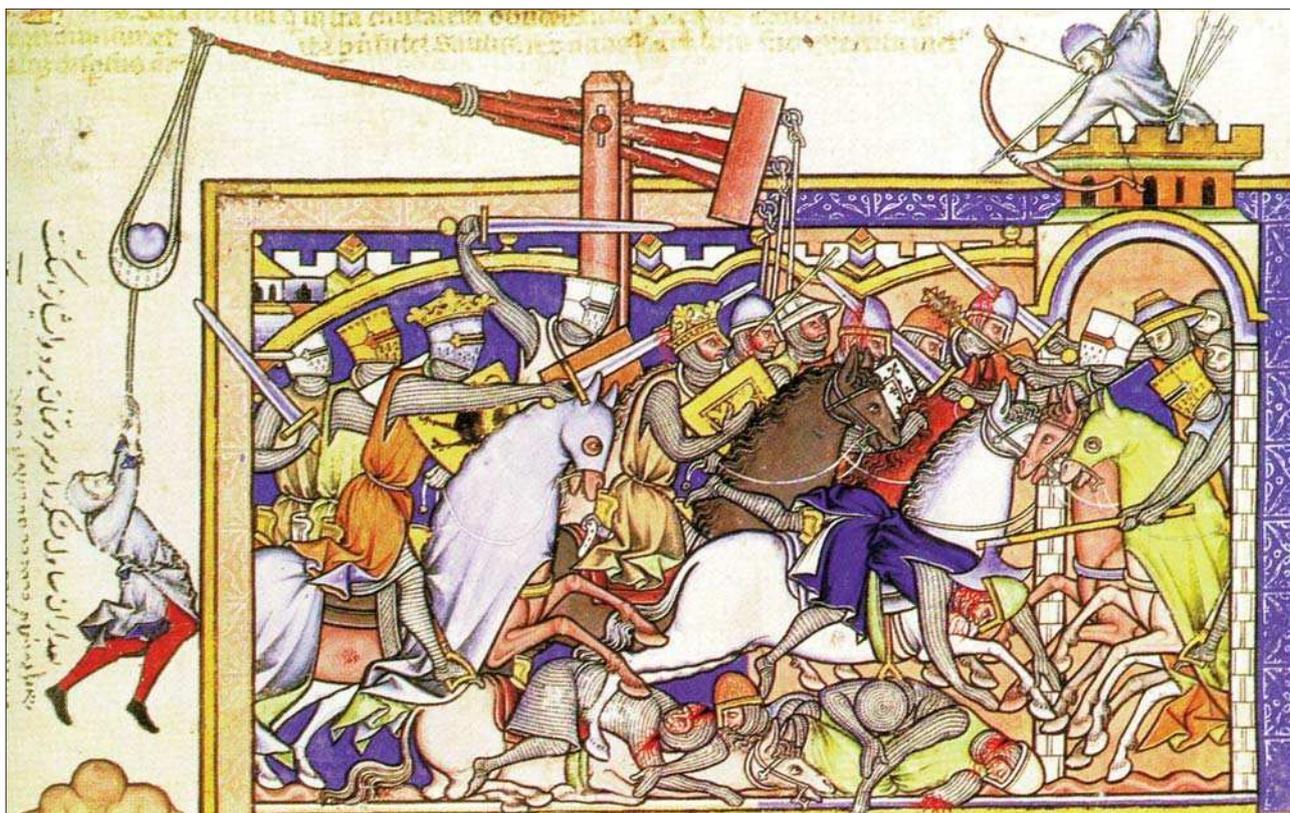
tantes. No entanto, antes da vitória, repete-se o que já acontecera no primeiro assalto. O fosso e a superioridade do tiro muçulmano, a nuvem de pedras que o cruzado relata, impedem os aliados de encostar as escadas ao muro e reduzem a cinzas tudo o que fora colocado no fosso para o cobrir<sup>13</sup>.

Apesar deste contratempo, os aliados, “de comum acordo determinão guerrear mais tempo o inimigo de Christo” (*RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL...*, 1844: 30), insistem na zona Norte da cidade, onde colocam os três trabucos do rei e um dos cruzados, fazendo frente aos quatro do lado muçulmano. Insistem também no trabalho das minas mas mais longe da cidadela, onde estão mais protegidos de nova nuvem de pedras dos inimigos de Cristo (Fig. 12).

Este insucesso afectou particularmente os portugueses que, como referido, já se encontravam praticamente sem víveres. D. Sancho resolve, ainda que temporariamente, esta questão, incitando os efême-

<sup>13</sup> “No dia posterior á oitava de S. Lourenço sabio dos arraias a nossa gente armada, e commetteo os muros por todas as partes, arvorando com grande trabalho e diligência as escadas que levavão, mas forão rechaçados com tão espessa nuvem de tiros que baldada a nossa esperança voltarão as costas [...] outros dos nossos derão-se com grande azafama a encher de mato e terra o fosso da banda do norte da Almedina, o que foi logo reduzido a cinzas com o fogo que os inimigos lançarão de cima [...]” (*RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL...*, 1844: 28).

**FIG. 12** – A artilharia de cerco, nomeadamente o trabuco aqui representado, tinha um efeito sobretudo de desgaste psicológico (ilustração de 1240, Pierpont Morgan Library, Nova Iorque) (segundo HENRIQUES, 2003).



ros, religiosos e pobres a abandonarem o arraial. Ficou acordado entre o Rei e os cruzados um último esforço no trabalho das minas e que o cerco seria levantado dentro de quatro dias, caso a cidade não caísse nas suas mãos. “Trabalhou-se sobre maneira naquella mina, e quando os nossos hião quase chegando ao muro encontrarão-se com os Mouros, que também o andavam furando, e travarão ali rija peleja” (RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL..., 1844: 32). Os aliados, após recuarem, conseguiram reagrupar-se e expulsar os agora fraquejados muçulmanos, vedando a galeria.

Depois dos confrontos, partes do muro ameaçaram derrocar. Ainda com os ecos da conquista e massacre em Alvor, os sitiados, mesmo subnutridos, estavam apavorados com uma entrada subterrânea na cidade pela hoste de cruzados sedentos de sangue e saque.

Na manhã do primeiro dia de Setembro, ainda os cristãos se preparavam para continuar a peleja, ouviu-se uma voz do alto da muralha que chamava pelo rei de Portugal. Ibn ‘Ali, pressionado pela população, rende-se ao soberano português, que ocupa Silves a 3 Setembro, poupando a vida aos muçulmanos e entregando os despojos aos cruzados, como havia acordado.

Quarenta dias depois, os mouros aceitam entregar a cidade, terminando o cerco.

## ALGUMAS CONCLUSÕES

Como pudemos testemunhar, deste episódio chegou até nós a narrativa de um dos participantes, com a descrição em pormenor dos acontecimentos diários. A violência do cerco e o emprego de uma relevante variedade de máquinas de guerra, tais como torres de madeira, catapultas e um ouriço, tornam este cerco um exemplo bastante completo do ponto de vista dos sitiados e dos assaltantes.

Remetendo para dois textos do lado muçulmano – o excerto sobre Silves escrito por Idrísi no século XII, onde o primeiro elemento que destaca é a defesa da cidade, a grande muralha que a rodeia<sup>14</sup>, e o texto de Ibn ‘Idári que chama a Silves de capital<sup>15</sup> –, sabemos que esta cidade no Sul era, de facto, uma fortificação imponente e conhecida, mais opulenta e forte que Lisboa.

A sua ligação permanente ao mar através do rio Arade, navegável até à cidade, as vias terrestres que dali partiam e que, percorrendo toda a costa algarvia, faziam a ligação a Córdova e a Sevilha, permitiam-lhe gozar de uma posição muito favorável em termos estratégicos.

D. Juan Manuel, infante castelhana, tratadista militar do século XIV, comparou a guerra de cerco a um galo que, ao escapar de uma raposa, opta por se refugiar numa árvore. Vendo o galo empoleirado, a raposa, que não consegue trepar,

<sup>14</sup> “Silves, [...] est entourée d'une forte muraille” (IBN ‘IDRÍSI, 1968 : 217).

<sup>15</sup> “Este año fué la toma, por Ibn al-Rink, de la capital, Silves, y la expulsión de sus habitantes de ella [...]” (IBN ‘IDÁRI..., 1953).

tem como recursos bater no tronco com a cauda ou roê-lo com os dentes. Sendo por si só ineficaz, estes recursos servem apenas para assustar o galo, convencendo-o que não está totalmente a salvo. Se o galo abandonar a árvore, acabará por ser apanhado; se, pelo contrário, mantiver a lucidez e confiar no seu abrigo, irá manter-se a salvo da raposa. Com esta lógica, D. Juan deixa claro todo o jogo psicológico presente num cerco. Entre presas e predadores, ou seja, entre assaltados e assaltantes. As muralhas oferecem segurança caso o defensor seja firme; no entanto, o terror provocado pela força assaltante, e aqui, sabemos já, a magnitude do cerco que é montado às portas de Silves e a determinação do sitiante, podem convencer o assediado inseguro a render-se (HENRIQUES, 2003: 33).

De realçar a rápida conquista do arrabalde, a queda da couraça nas mãos dos Cristãos e o trabalho de minas feito em Silves.

Este cerco insere-se no movimento das Cruzadas que anima a Europa e na militarização da tradicional peregrinação à Guerra Santa, que permitem a conquista efectiva de importantes cidades até então sob o domínio muçulmano. A conquista destes territórios militarizados e fortificados, bem posicionados estrategicamente, exigia sempre exércitos numerosos e máquinas de guerra adequadas, tendo em conta o tempo que poderiam estar em cerco e as duras condições do mesmo. 🐉

## BIBLIOGRAFIA

### FONTES IMPRESSAS

- IBN ‘IDÁRI AL-MARRÁKUSI (1953) – *Al-Bayan al-Mugib fi Ijtisar Ajbar Muluk al-Andalus wa al-Magrib*. Trad. Ambrosi Huici Miranda. Tetuán: Editora Marroquí (Colección de Crónicas Árabes de la Reconquista. Vol. II, Los Almohades, Tomo I).
- IBN ‘IDRÍSI (1968) – *Description de L'Afrique et de L'Espagne*. Trad. R. Dozy e M. J. de Goeje. Leiden: E. J. Brill, Réimpression Anastatique.
- RELAÇÃO DA DERROTA NAVAL, *Façanhas e Sucessos dos Cruzados que partirão do Escalda para a Terra Santa no anno de 1189, escrito em Latim por hum dos mesmos Cruzados* (1844) – Tradução e notas de João Baptista da Silva Lopes. Lisboa.

### BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

- BARROCA, Mário (1990) – “Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico”. *Portugalia*. Nova Série. 11-12: 89-136.
- BRANCO, Maria João (2006) – *D. Sancho. O Filho do Fundador*. Mem Martins: Círculo de Leitores.
- HENRIQUES, António Castro (2003) – *Conquista do Algarve, 1189-1249. O Segundo Reino*. Lisboa: Tribuna da História.
- KEEGAN, John (2009) – *Uma História da Guerra*. Lisboa: Tinta da China Edições.
- PICARD, Christophe (2000) – *Le Portugal Musulman (VIII-XIIIe siècle). L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*. Paris: Maisonneuve et Larose.
- SILVA, Manuela Santos (2004) – “Silves”. In MEDINA, João (dir). *História de Portugal*. Amadora: Ediclube. Vol. IV, parte IV, Sociedade e Economia nos Campos: séculos XII a XIV, pp. 252-258.
- TORRES, Cláudio (1992) – “Povoamento Antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica”. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento / Campo Arqueológico de Mértola. 1: 189-202.



# almada online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

**uma edição**



## CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[[c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]